



## **ESTUDO DO COMPORTAMENTO ALIMENTAR DE FILHOTES DE *Eunectes murinus* (SERPENTES: BOIDAE), NA FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO**

Simone Corazza<sup>1</sup>; Rodrigo Scartozzoni<sup>2</sup>.

<sup>1</sup>Fundação Parque Zoológico de São Paulo. Av. Miguel Stefano, 4.241, São Paulo, SP, 04301-905; [si\\_corazza@yahoo.com.br](mailto:si_corazza@yahoo.com.br); <sup>2</sup>Instituto Butantan. Av. Vital Brazil, 1.500, Butantã, São Paulo, SP, 05503-900; [rodrigobuta@yahoo.com.br](mailto:rodrigobuta@yahoo.com.br).

Estudos em cativeiro podem ser úteis na caracterização do comportamento alimentar de serpentes. Este trabalho descreve e analisa o comportamento alimentar de 10 filhotes de *E. murinus* nascidos no Zoológico de São Paulo. O comportamento foi descrito baseado nos métodos de “todas as ocorrências” e “análise de seqüências”. As serpentes foram mantidas individualmente em aquários de 54l com cerca de 8cm de água. Foram oferecidos girinos e rãs, roedores, peixes e filhotes de aves (pintinhos). Quando o alimento oferecido era roedor e ave, pedras eram colocadas no aquário para fornecer área seca às presas. Para cada serpente, cada tipo de presa foi oferecida no mínimo 3 vezes. O comportamento foi cronometrado (em minutos) e dividido em três fases: detecção/bote, constrição e ingestão. Os indivíduos tiveram maior aceitação por pintinhos (N = 20), e rãs (N = 18), seguido por roedores (N = 8) e girinos (N = 3). Nenhum peixe oferecido foi aceito. Quando a presa era colocada dentro do aquário se iniciava a primeira fase. O maior tempo registrado na fase de detecção/bote foi para os roedores, provavelmente por ficarem na área seca a maior parte do tempo. O menor tempo observado foi para pintinhos, pois estes muitas vezes caíam na água e eram rapidamente percebidos pelas serpentes. Nesta fase, para todas as presas oferecidas, eram evidentes os dardejares de língua das serpentes, também indicando a importância dos sentidos químicos na detecção da presa e no comportamento que antecede o bote. Após o bote se iniciava a fase de constrição. O menor tempo observado durante a constrição foi para os roedores, devido ao fato de serem levados para a água, acelerando a morte por afogamento. A rã teve o maior tempo médio registrado durante esta fase, o que deve refletir diferenças fisiológicas dos diferentes grupos de presas oferecidas. O número de espiras utilizadas na constrição variou de 1 a 3 e aparentemente está relacionado ao tamanho dos diferentes tipos de presas. No comportamento que antecede a ingestão, além do olfato, o tato também auxiliava a localização da região anterior das presas, local onde a ingestão teve seu início na maioria das vezes. O menor tempo de ingestão foi observado para girinos, provavelmente devido à ausência de membros e menor tamanho. Os maiores tempos foram registrados para pintinhos e roedores, devido ao maior tamanho corporal.